

PARTEIRO DO FUTURO OU FIM DE LINHA Roberto Schwarz em perspectiva mariodeandradiana

Doutorando Leandro Pasini¹ (USP)

Resumo:

O propósito desta comunicação é a comparação dos pontos de partida e de chegada de uma linha de força da crítica literária e do pensamento histórico brasileiro, a formação. "Elegia de Abril?" (1941), de Mário de Andrade, texto de abertura da revista Clima, avaliando a inteligência brasileira de sua geração e a daqueles jovens de então que a tinham como referência, Antônio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, entre os principais; e alguns dos últimos textos de Roberto Schwarz, dos anos 90 e dos primeiros anos desta década, penso especificamente em "Fim de Século" (1994) e "Saudação a Sérgio Ferro" (2005). Os impasses entre uma linha construtiva afirmando e trabalhando para um país moderno convive nesses textos com a desistência e a desagregação de tal projeto. Dentro dessa tensão formulo problemas que questionam se a idéia de formação está encerrada ou pode se transformar em outra coisa.

Palavras-chave: Teoria Literária, Formação, Literatura Brasileira, Roberto Schwarz, Mário de Andrade

Em 1941, Mário de Andrade escreve "Elegia de Abril", texto de abertura da revista Clima, avaliando a inteligência brasileira de sua geração e a daqueles jovens de então que a tinham como referência, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, entre os principais. O ensaio é severo e problemático, pois indica ao mesmo tempo a linha construtiva da inteligência brasileira, cujo momento decisivo no plano da crítica literária é o livro *Formação da literatura brasileira* (1955) de Antonio Candido, e a linha de desagregação, a desistência de engajamento formal e da prioridade da experiência brasileira, da crítica e da literatura, diante dos desajustes do país real e de seu fracasso de se realizar moderno à européia. Já se tornou lugar-comum da história da crítica literária brasileira que a obra de Roberto Schwarz sobre Machado de Assis coroa a linha construtiva da crítica, consolidada por Antonio Candido, num processo dialético de pensamento que flagra em nosso ponto máximo de realização literária o processo social que impede a construção do país moderno idealizado. Essa formulação radical que redimensiona a relação entre "acumulação literária e nação periférica" levou o tempo de uma geração, pois se inicia com o decisivo "Idéias fora do lugar" em meados da década de 1970, e chega ao trabalho de síntese sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas* no início dos anos 1990. Contudo, o "fim de século" redimensiona essa linha construtiva, e a desagregação da inteligência (e não só) se impõe com violência, pondo em xeque igualmente aquela linha, mesmo o seu momento dialético schwarziano. O próprio Roberto Schwarz, em textos dos anos 90 e dos primeiros anos desta década, penso especificamente em "Fim de Século" (1994), aborda esse impasse a que o trabalho de sua geração chegou. Em nosso momento presente, de angustiante indecisão, me parece que a aguda experiência mariodeandradiana recobra atualidade, junto de alguns fios soltos do primeiro modernismo – como olhar com olhos livres e o direito de errar –, e pode lançar luz sobre os textos recentes de Roberto Schwarz. Nesse sentido, a presença atual na inteligência brasileira de uma grande linha de força que parece estar consumada – a da formação –, e se mantém como digna de apreço e exegese, convive com uma potencialidade de futuro que exige sua superação crítica, e ambas recebem a melhor formulação do mesmo crítico. É nesse viés que pergunto polemicamente se esses textos recentes são "parteiros do futuro ou fim de linha".

Textos fundamentais como “Elegia de Abril” e “Fim de Século”, havendo passado mais de cinquenta anos entre eles, mantêm como traço estrutural um dilema interno entre uma acumulação artística e de reflexão que impulsiona o pensamento da crítica literária no sentido da superação das suas dificuldades teóricas fundamentais, e um processo de desagregação geral se dando a olhos vistos. No texto de Schwarz, o fracasso da integração nacional proposta pelo nacional desenvolvimentismo deságua na “desintegração” das forças mobilizadas para esse processo:

Noutras palavras, a falência do desenvolvimentismo, o qual havia revolvido a sociedade de alto a baixo, abre um período específico, essencialmente moderno, cuja dinâmica é a desagregação. Se for assim, o que está na ordem do dia não é o *abandono* das ilusões nacionais, mas sim a sua *crítica especificada*, o acompanhamento de sua desintegração, *a qual é um dos conteúdos reais e momentosos de nosso tempo* (SCHWARZ 1999, p. 160) (grifos do texto)

Como o final da citação indica, há uma forte simetria entre as consequências da história em nossa vida concreta e sua contraparte teórica no plano da crítica literária. Caso os fundamentos teóricos e **práticos** da crítica literária brasileira devessem vir à tona, essa consequência concreta poderia ser incorporada pela reflexão literária.

Mário de Andrade, embora encampando com a própria atitude de escrever o texto inicial para sua revista um admirável grupo de jovens paulistas (da revista *Clima*), não pode deixar de notar que também naquele período do Estado Novo uma linha forte continuada por pequenos grupos convivía com um ambiente mais geral de desistência:

esse mesmo tema da desistência estava freqüentando numerosamente a poesia moderna do Brasil. Se o complexo de inferioridade sempre foi uma das falhas da inteligência nacional, não sei se as angústias dos tempos de agora e suas ferozes mudanças vieram segregar aos ouvidos passivos dessa mania de inferioridade o convite à desistência e a noção de fracasso total. E não é difícil imaginar a que desastrosíssima incapacidade do ser poderá nos levar tal estado-de-consciência. Toda esta literatura dissolvente será por acaso um sintoma de que o homem brasileiro está às portas de desistir de si mesmo?(ANDRADE, 2002, p. 214)

A perspectiva de “Fim de Século” é outra, como vimos, e no entanto sente-se nos dois textos uma grande proximidade entre a *desistência* da intelectualidade no contexto mariodeandradiano, e a *desintegração* da inteligência progressista no texto de Schwarz. O que surpreende nessa convergência é a força criativa de todas as artes brasileiras nesse tempo decorrido. Não custa lembrar que entre 1941 e 1994 surgiram João Cabral de Melo Neto e o Concretismo, a consolidação do romance de 30, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, o Cinema novo, o Tropicalismo, Brasília e a Arquitetura moderna brasileira, o episódio de nosso teatro épico, a especificação de nossa singularidade nas artes plásticas, o florescimento da música popular e a consagração da música erudita nas diretrizes lançadas pelo próprio Mário de Andrade. Que esse vigoroso processo tenha perdido sua força de mobilização intelectual imediata não deve levar a qualquer lamento. O que se deve de fato perguntar é por que o envelhecimento da arte moderna européia teve como contrapeso a forte reflexão da *Teoria estética* de Adorno, que abriu caminho para sua “dialética negativa”, e o envelhecimento de nossa arte moderna ainda não teve nenhuma reflexão à altura dos seus desdobramentos (até provem o contrário).

Provavelmente, o lugar social histórico de nossa vida intelectual, dificulte a teorização de nossos dilemas fundamentais, lugar que Carlos Nelson Coutinho denominou, com uma formulação histórica de longo alcance, de “intimismo à sombra do poder” (expressão usada por Thomas Mann ao se referir à intelectualidade alemã e recolhida por Lukács, fonte do autor aqui citado):

Descrentes da possibilidade de influir decisivamente sobre as mudanças sociais, que se processam sempre mediante acordos de cúpula entre as classes dominantes, os intelectuais tendem a evadir-se da realidade concreta, a colocar-se num terreno aparentemente autônomo, mas cuja autonomia é respeitada precisamente na medida em que não põe em jogo as questões decisivas da vida social, as concretas relações sociais de poder (COUTINHO 1990, p. 46)

No entanto, se seguirmos essa mesma linha de “intimismo”, podemos chegar a uma formulação mais clara dessa convivência que observei nos dois textos entre uma linha construtiva e uma desagregadora, pois o que importa não é a força paralisante do condicionamento histórico, mas a independência artística de nossos melhores autores em relação a ela, formalizando seus problemas. Um olhar rápido porém atento a alguns momentos decisivos de nossa poesia, lugar por excelência do intimismo, dá amostras de uma difícil convivência entre construção e desagregação. Quero me deter em dois aspectos apenas dessa convivência de opostos em chave intimista. O primeiro é o definhamento do espírito autônomo diante de um poder que não poder ser posto em questão. Salvo engano, é nesse dilema humilhante que se pode perceber uma irritabilidade maior na subjetividade lírica de Gonçalves Dias em comparação com suas referências européias. A convivência entre as promessas de plenitude subjetiva do Romantismo internacional e a hierarquia palaciana intelectual e social era sentida de modo tortuoso pelo nosso poeta, cujo drama nesse sentido está mais evidente em seu último poema, o longo “Saudades”, onde o desabrigo transcendental da subjetividade romântica aspira pelos pressupostos mais prosaicos de uma existência digna: uma família e uma casa acolhedora. Uma situação análoga de um sentimento de abandono e de idéias à deriva, que se expressam por irritabilidade e definhamento, é o próprio Mário de Andrade. Nesse caso, o dilema fundamental é poder hierárquico das grandes famílias paulistas e posteriormente do Estado Novo. As promessas de uma vanguarda cuja liberdade interviesse no mundo e o reconstruísse era *ao mesmo tempo* apoiado e sustentado pelas instâncias de poder, e negado pela sua própria existência como poderes incontestes. Faltava aqui diferenciação social que dava no circuito internacional as margens de manobra e o sentimento de ar livre dos intelectuais europeus. À medida que Mário cumpria suas promessas individuais alimentadas pela vanguarda – pesquisa, atualização, estabilização da inteligência – o relógio de nossa modernização, aproveitando as deixas populistas do próprio Modernismo, girava em sentido inverso. O fruto desse impasse pode ser visto na subjetividade lírica irritada de Mário de Andrade, que documenta seu próprio trajeto em outro poema que define, a “Meditação sobre o Tietê”. É o caso de procurar o aspecto triste e dilacerante em sua roupagem arlequina, que convive com seu aspecto festivo, assim como atentar ao drama de quem na personalidade múltipla, não sabe dizer quem é. Em ambos os casos, a convivência de uma força construtiva e outra desagregadora (ou destrutiva) recebe uma formulação poética específica, guardadas as singularidades de cada caso.

O segundo aspecto que quero notar é o meio pelo qual a convivência de construção e destruição é formulada tirando as conseqüências de sua face destrutiva. É freqüente a subjetividade lírica de Drummond se voltar contra si própria. Seja pela irreverência dos primeiros livros, seja pelo trabalho de expiação e engajamento na década de 40, seja pela figura do “alcoz de si mesmo” (heautontimoroumenos) dos livros posteriores ao engajamento. Assim, podemos notar a convivência de construção e desagregação na subjetividade lírica suicida de *Brejo das Almas*, onde a subjetividade se faz no limite, entre a declaração de existência e a vontade de auto-aniquilação. De modo diferente, mas análogo, em “A Flor e a Náusea” a flor da esperança nasce, no poema, logo em seguida a um elogio do ódio. E não será a poética de “Procura da Poesia” uma tentativa de “limpar” as palavras da história sedimentada nelas e prepará-las para cantar a “Cidade Prevista”, o país mais justo? Por fim, auto-aniquilação vira poética, e de várias cristalizações notáveis desse momento escolho aquela do poema “Nudez”, em que eu lírico declara “Não cantarei o morto: é o próprio

canto”. Sumariando essa exposição resumida e esquemática, creio nessa perspectiva buscar uma nova chave para a formulação de Drummond “a poesia mais rica/ é um sinal de menos”. Uma última referência, agora não mais à configuração da subjetividade lírica, mas ao modo como leva o construtivismo poético ao limite é João Cabral de Melo Neto. O contato entre o racionalismo da moderna arte européia e a mais aguda miséria do atraso transtorna a frieza racional e sua figuração passa a ser agressiva. Esse contato entre construção e destruição configura, então, uma poética. O procedimento de convivência entre construção e destruição pode ser acompanhado didaticamente nos seguintes versos de “A Palo Seco”:

A palo seco canta
O pássaro sem bosque,
Por exemplo: pousado
Sobre um fio de cobre;

a palo seco canta
ainda melhor esse fio
quando sem qualquer pássaro
dá seu assovio

A construção se dá por um procedimento que afia sua faca pelo corte. *Sem* bosque, sem pássaro, por fim sem mesmo canto, só assovio. Retomando então os termos dos textos com que comecei minha fala, gostaria de avançar sua leitura e propor que formação e desistência ou formação e desagregação, ou formação e desintegração, que Mário e Roberto Schwarz verificam em momentos agudos de avaliação do seu respectivo tempo presente, formam um par antitético que convive a longo prazo em nossa vida mental, e que são configurados por nossas formas literárias, como pretendi esboçar no campo da lírica. Essa forma desistente, desagregadora ou destrutiva não foi, até onde pude pesquisar, tornada “conceito” em nossa crítica literária. Tampouco arriscarei semelhante tentativa, antes desejo apontar sua existência e como foi designada onde foi percebida. O modo como a linha desagregadora foi formulada pelo Tropicalismo, por exemplo, em chave de alegoria do país absurdo, de síntese festiva entre elementos heterogêneos, de exotismo autoglorificante foi denominado por Pasta Jr, em texto sobre *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, de “liquidação” (PASTA JR 2002. p. 70). Denominar criticamente como uma linha de brasilidade apologética formula e atualiza diante da experiência contemporânea a convivência de construção e destruição dá a pista de como em outro pólo, teoricamente oposto, essa experiência pode ser denominada. Digamos então que *formação* é um modo civilizado de construir uma verdade civilizada, e uma *liquidação crítica* é um modo civilizado de apreender uma verdade bárbara. E os dois movimentos são sentidos, e por vezes formulados, pela nossa literatura. Para finalizar, lembro que essa convivência não é nova, e estava em germe, como matriz prática e extra-literária, em nosso momento de Independência, como observou agudamente Roberto Schwarz ao analisar a matéria histórica que Machado de Assis configurava com distanciamento, perspicácia e gênio:

A matriz prática se havia formado com a Independência, quando se articulam perversamente as finalidades de um estado moderno, ligado ao progresso mundial, e a permanência da estrutura social engendrada na Colônia (SCHWARZ 1992, p. 328)

Referências Bibliográficas

- Andrade, Carlos Drummond. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- Andrade, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- Andrade, Mário. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.
- Coutinho, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- Dias, Gonçalves. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959.
- Melo Neto, João Cabral. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- Pasta Jr, José Antônio. “Prodígios de Ambivalência”. *Novos estudos* no. 64, 2002.
- Schwarz, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 1992.
- Schwarz, Roberto. *Seqüências brasileiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

¹ **Leandro PASINI (Doutorando)**

Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada

Orientador: Jorge de Almeida

E-mail lepasini@usp.br

Agência de Fomento: CNPq